

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LÁZARO DA CONCEIÇÃO

ENTRE CONSTRUÇÕES, DIVERSÕES E MEMÓRIAS: LAZER EM PAULO
AFONSO/BA (1949-1961)

Delmiro Gouveia-AL

2018

LÁZARO DA CONCEIÇÃO

Entre construções, diversões e memórias: lazer em Paulo Afonso/BA (1949-1961)

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia-AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

C744e Conceição, Lázaro da

Entre construções, diversões e memórias : lazer em Paulo Afonso/BA (1949-1961) / Lázaro da Conceição. – 2018.
32 f.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História da Bahia. 2. Paulo Afonso. I. Título.

CDU: 981.38

LÁZARO DA CONCEIÇÃO

Entre construções, diversões e memórias: lazer em Paulo Afonso/BA (1949-1961).

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovada em 29 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Sheyla Farias Silva

Professora Ma. Sheyla Farias Silva (Orientadora)
UFAL- Campus do Sertão

Sara Angélica Bezerra Gomes

Professora Ma. Sara Angélica Bezerra Gomes (Examinador Interno)
UFAL – Campus do Sertão

João Victor dos Santos Silva

Professor Me. João Victor dos Santos Silva (Examinador Externo)
UEFS

AGRADECIMENTOS

À minha Professora e Orientadora, Sheyla Farias, que sempre foi muito carismática e paciente para comigo, me fazendo ter ainda mais respeito e admiração por sua pessoa. Eterna “Sheylove”.

À minha família, que sempre me ajudou a seguir firme no curso, dando motivação e mais alguns tipos de apoios para que eu não hesitasse em crescer dentro da instituição e conquistar o que consegui hoje.

Aos meus amigos pessoais, Alisson Ian, Marcelo Leonardo, Alexandre França, Maurício Urik, Ruan Pablo e Jann Lynk, que me ajudaram bastante a continuar seguindo, com apoios emocionais. Amos demais vocês. De verdade.

Aos meus amigos especiais Érikles Alves e João Lucas, que conheci na universidade e que vão ficar pra sempre na minha memória. Amos vocês demais.

Aos amigos e colegas que fiz no decorrer dessa longa trajetória, que apesar dos problemas que tive com alguns, me proporcionaram momentos que jamais serão esquecidos: Das viagens aos grupos de whatsapp engraçados (vide fogo no fogo e fogo na babilônia); Das deliciosas tardes regradas a pizza e encontros diários para a prática de ping-pong; Dos encontros no bar do tobas às tensões pré-seminários. Nada será esquecido. Agradeço a todos. Sem distinção.

E aos meus doces alunos, que me ajudaram a decidir o que realmente pretendo fazer com toda essa bagagem intelectual que absorvi nesses quatro anos de formação.

Agradeço, de coração, a todos vocês.

RESUMO

Paulo Afonso, cidade do norte baiano, é um lugar fundamental para a compreensão da história do Brasil do século XX. Durante suas construções de hidrelétricas, criou modelos de desenvolvimento que despertou a atenção de estudiosos de várias categorias. O presente trabalho tem como objetivo a leitura histórica do lazer em sua fase inicial, dos anos 1949 aos 1961, pois a cidade esteve para além dos trabalhos exaustivos de líderes e operários. Fundamentado na Nova História, com os métodos comparativos e da história oral, traz descrições de como se deu a diversão e sociabilidade que edificaram o lugar, mostrando sua complexidade cultural e diversidade étnica que ainda hoje desperta nostalgias prazerosas na memória local, com belíssimas e impressionantes narrativas de seus pesquisadores, pioneiros e cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: História; Memória; Manifestações Culturais; Clubes Sociais; Lazer.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
1.2 METODOLOGIA.....	10
2 CONTEXTO NACIONAL E MODERNIZAÇÃO: DE 1945 A 1961	13
2.1 HISTÓRIA DE PAULO AFONSO, NASCIMENTO DA CHESF E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO.....	14
2.2 TERRITÓRIO, IMIGRAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL EM PAULO AFONSO.....	16
3 CLUBE OPERÁRIO PAULO AFONSINO (COPA): PIONEIRISMO E SUA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA PARA A CIDADE.....	19
3.1 CLUBE PAULO AFONSO: ENTRE RESTRIÇÕES E SIMILARIDADES.....	21
3.2 VILA POTY E SUAS DINÂMICAS SOCIAIS: ENTRE O LAZER, PRAZER E A EXCLUSÃO.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5 REFERÊNCIAS.....	27
6 APÊNDICES.....	28

1 INTRODUÇÃO

Nos contextos geográfico e histórico do Brasil do século XX, Paulo Afonso é uma cidade nordestina que se inseriu como peça chave do progresso nacional. Na lembrança daqueles que se prontificaram a erguê-la, têm variados contos que mostram a sua grandeza, que se divide em avanço, inovação e diversidade.

Sua fase inicial de construções de grandes hidrelétricas, que começa do ano 1949 e se estende à década de 60, traz um rol de narrativas que até hoje inquietam pesquisadores, pioneiros e cidadãos. Por esta razão, história e memória são duas palavras muito presentes no cotidiano do espaço Pauloafonsino.

Conceitos como história e memória são colocados no debate público de maneira confusa. Pierre Nora, em sua abordagem teórica, faz uma discussão sobre a diferença dos dois termos da seguinte maneira:

“Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é sempre a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque ela é efetiva e mágica, ela não se acomoda com detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica.” (NORA, 1993, p. 09)

Como o autor argumenta, memória e história têm diferenças conceituais bem nítidas que servem de instrumento para análises mais precisas. A primeira está ligada às experiências coletivas e individuais, vulnerável a todos os usos e manipulações, enquanto a segunda se prontifica como um conhecimento sistemático, com todos os seus métodos de abordagem. Por isso a importância da história para a problematização da memória.

Sobre a maneira como a memória se manifesta nos interlúdios sociais, Le Goff esclarece com o seguinte argumento:

“Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiam, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Egginghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura

exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (LE GOFF, 1990, p. 59)

Em outras palavras, ele argumenta que a memória pode ser manipulada através de disputas sociais por reconhecimentos. E no início das construções das hidrelétricas na terra da energia, os espaços de sociabilidade tinham seus status que demonstravam a desigualdade dos atores na história local.

Jaques Le Goff foi um dos teóricos da Nova História, teoria esta que flexibilizou as construções de narrativas históricas, porque se interessa por todas as atividades humanas e suas variadas experiências. Assim Peter Burke argumenta sobre essa corrente de pensamento:

“Por outro lado , a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. “Tudo tem uma história”, como escreveu certa ocasião o cientista J.B.S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode a princípio ser construído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão “história total”, tão cara aos historiadores dos Annales.” (BURKE, 1992, p 01)

Dentre essas atividades, a prática humana identificada como “lazer”, guarda traços reveladores do desenvolvimento humano, que ao longo do tempo também tem suas memórias negligenciadas. Ele constitui um estudo da história que, de uma maneira alternativa, demonstra o homem em sua plenitude.

Em seu ócio, ele também reproduz vida e criatividade, contribuindo para a melhoria da qualidade de sua existência. Com a diversão, ele também se aprimora, se engrandece e se satisfaz, ajudando na caminhada ao encontro da reprodução da vida e no alcance da felicidade. Sobre o conceito de lazer, o sociólogo Dumazedier esclarece:

"Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais." (DUMAZEDIER, 1976, p. 94)

Trazendo a gênese deste termo do contexto brasileiro do século XX, essa prática só foi possível a partir da expansão da cultura industrial no território brasileiro. Nessa nova configuração econômica emergente, os países de modelo

industrial a tiveram como resultado, que trouxe uma nova dinâmica na vida de proletários. Sobre essa nova maneira que imperava na vida dos trabalhadores brasileiros e do restante do mundo, Dumazedier argumenta:

“Aparece então à economia moderna, caracterizando um tipo de vida que estimula o consumismo, a acomodação, ao ócio e o gozo forçado. Posteriormente, coexistiram dois movimentos aparentemente contrários: enquanto a ociosidade declinava, a recém-aparecida noção de lazer iniciava sua ascensão na vida do trabalhador”. (DUMAZEDIER, 1976, p.54)

Nesse novo cenário que se formava no contexto nacional, estava o território Pauloafonsino, uma promessa econômica do governo federal à época que foi marcada por grandes construções. Os imigrantes que chegavam, para além da árdua tarefa de trabalhar para o desenvolvimento do lugar, tinham suas formas de esquecer o fardo, através do lazer e suas múltiplas formas de expressão cultural.

Falar de lazer, trazendo à discussão a cultura de imigrantes, é fazer uma Nova História. A história tradicional ao longo do tempo apenas priorizou a história dos grandes homens, uma visão de cima e concentrada nos grandes feitos. A proposta do presente trabalho é também mostrar a “história vista de baixo”, de uma classe que não foi priorizada nas narrativas locais.

Jim Sharpe, no livro “a escrita da nova história: novas perspectivas”, faz a defesa desse modelo de fazer história com o seguinte argumento:

“Os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em um nível mais amplo, este pode tomar a forma do papel da história, embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional. A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais.” (SHARPE, 1992, p. 60)

Enfim, a perspectiva teórica da presente pesquisa está fundamentada na Nova História. Uma teoria que prioriza desde aspectos humanos irrelevantes para a história tradicional, até as narrativas vindas de camadas sociais baixas.

1.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa contempla um tema que há décadas tem sido relativamente negligenciado por parte de pesquisadores e autoridades locais. A

escassez de material escrito sobre as instituições que promoviam tais festividades dificulta, em grande medida, análises mais complexas. Mas o que é a ciência histórica senão a prática da investigação sistemática que viabiliza uma discussão baseada naquilo que se tem como fontes documentais.

O recorte temporal, delimitado entre 1949 a 1961, se fez para a abordagem do início de atividades dessas instituições, que se estende por esses anos mencionados. A interrupção de uma delas, que foi o “Chimba”, aconteceu no ano de 1961 e serviu de referência para o recorte.

Para contribuir na construção da história a partir de recortes memoriais no âmbito do lazer, a história oral se tornou indispensável para a contribuição historiográfica, porque tem uma perspectiva que contempla os atores sociais que participaram ativamente dos fatos, que têm muito a contribuir com narrativas.

Sobre a importância da História oral, os autores José Carlos Sebe e Fabíola Holanda, argumentam:

“A necessidade de ativar ou materializar o que existe em estado oral, retido na memória, ou mesmo o que foi abafado por processos de cerceamentos, quase sempre acontece por desafios da própria comunidade, que não quer deixar morrer determinadas experiências e que para isso, produz situações nas quais, no tempo presente, reinventavam o passado não resolvido. Nesse sentido, a história oral se mostra fator significativo, meio de manter a experiência passada em estado de “presentificação” (SEBE; HOLANDA, 2007, p. 24)

Este é um argumento preciso que delimita bem a amplitude da história oral na captação de memórias subjetivas, excluída no decorrer de determinados processos históricos. E numa posterior abordagem, eles esclarecem sobre sua importância complementar na historiografia. Assim eles discorrem sobre esta função abrangente:

“Ainda que muitas vezes a produção de entrevistas seja usada como alternativa para preencher vazios de documentos convencionais ou de lacunas de informações e até para complementar outros documentos, é importante ressaltar que se pode, de maneira positiva, assumi-la de maneira isoladamente e propor análises das narrativas para a verificação de aspectos não revelados, subjetivos, alternativos aos documentos escritos.” (SEBE; HOLANDA, 2007, p.24)

Outra metodologia escolhida para a análise objetiva dos dados foi o método comparativo, porque tem a ver com a proposta da resolução dos problemas que se colocaram na temática em questão. Foram duas instituições e outro espaço analisados, contextos distintos que guardaram similaridades entre si e muitas diferenças dos grupos sociais envolvidos.

O conceito de método comparativo segundo Fachin é o seguinte:

“O método comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto.” (FACHIN, 2001, p. 40)

No que diz respeito a comparações de comportamentos humanos em contextos variados, o método comparativo se torna um meio satisfatório para o esclarecimento dessas nuances. Assim Fachin argumenta sobre a efetividade dessa metodologia na abordagem dessa temática:

“Essa é a razão pela qual se diz que o método comparativo tem grande amplitude no campo das ciências, com sua aplicação nos elementos investigativos, conforme o ponto de vista que se pretende estudar, pois o comportamento humano (sendo típico, genérico e universal) pode ser mais bem compreendido mediante comparações de diversos grupos ou subgrupos sociais, em alguns casos, de indivíduos e também de dados, objetos e outros. Comparando-se semelhanças com divergências, a importância entre os grupos pode ser mais bem explicada.” (FACHIN, 2001, p. 41)

Dentro desse formato metodológico, foi feita a união das fontes orais com algumas fontes escritas, esclarecendo a problemática que se colocou diante da presente temática: como eram as dinâmicas de lazer dentro desses poucos clubes e lugares alternativos, sua importância para a jovem cidade que nascia e o legado que deixou para esses cidadãos.

Na ocasião foram entrevistados Juarez Felix da Silva, pioneiro que chegou no ano de 1948 (período no qual a Companhia de Hidrelétricas do Vale do São Francisco se estabelecia para começar as obras para a produção de energia), diretor e sócio por um longo tempo do Clube dos Operários de Paulo Afonso (COPA); O professor e pesquisador Antônio Galdino da Silva, importante no esclarecimento do processo que se deu para o surgimento da cidade e na explicação da miscigenação cultural que decorreu da mistura de povos vindos dos Estados nordestinos; O pioneiro e frequentador assíduo do COPA e dos “cabarés da feirinha”, Geraldo Oliveira Leite, antigo ícone da cidade e um dos poucos operários ainda vivo na região.

Sobre o Clube de Paulo Afonso (CPA), como a maioria de seus associados pioneiros faleceram, e os poucos que sobraram não estão em condições mentais saudáveis para se conceder uma entrevista, foi priorizada a revista sobre a história

do Clube, uma edição comemorativa que celebra os cinquenta anos da instituição e sua importância para a cidade de Paulo Afonso.

As técnicas aplicadas para a coleta de dados foram entrevistas breves com os respectivos pioneiros, participantes ativos na construção da cidade e cidadãos “padrões” e “alternativos” em sua maneira de se divertir e se manifestar culturalmente, armazenando suas narrativas num gravador para uma posterior análise.

Paralelamente, houve leituras de uma bibliografia que contempla a história da cidade no esclarecimento de suas nuances em seus aspectos gerais. Livros de escritores como Antônio Galdino e João Lima, conhecidos pesquisadores da história local, que não apenas discorrem sobre história política e econômica do espaço em questão, mas que dão igualmente importância a outras formas de expressões socioculturais que revelam a maneira de ser desse povo que é bastante peculiar.

As estratégias formalizadas para a abordagem de todos os dados obtidos foram perguntas semelhantes aplicadas aos diferentes atores, captando os sentimentos e pensamentos distintos de cada participante ativo da história ou pesquisador histórico, característica primordial do método comparativo.

A metodologia classificada como História Oral, juntamente com o método comparativo, foram fundamentais para organizar as narrativas numa sistemática análise que abrange desde experiências de personagens excluídos a pesquisadores renomados da historiografia Pauloafonsina.

2 CONTEXTO NACIONAL E MODERNIZAÇÃO: DE 1945 a 1949

Na década de quarenta, o Vargasismo tinha grande apoio de parte da população, fazendo com que nas eleições de dezembro de 1945, o ex-ministro de guerra do próprio Getúlio, Eurico Gaspar Dutra, candidato pelo PSD, fosse eleito presidente. Apesar da influência de Vargas sobre o então presidente eleito, Gaspar Dutra se demonstrou favorável a uma política liberal, que destoou das práticas que lhes serviram de berço político. Sobre isso Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi argumentam:

“O presidente Dutra adotou os princípios do liberalismo como eixo da política econômica de seu governo. Assim, mostrou-se favorável a entrada

de capital estrangeiro e entregou à iniciativa privada, ao contrário do que fizera Getúlio, a tarefa de comandar o desenvolvimento do país. Ao mesmo tempo, o novo governo favoreceu as importações. Com isso, começaram a entrar no país muitos produtos estrangeiros, alguns deles supérfluos ou com similares produzidos no Brasil. A inflação e o desemprego aumentaram e, como o valor do salário mínimo permaneceu inalterado, o poder aquisitivo da classe trabalhadora caiu.” (AZEVEDO;REINADO SERIACOPI, 2003, p. 172)

Nesses acontecimentos que traziam uma nova configuração econômica para o Brasil, havia uma espécie de projeto nacional que vinha desde a ditadura de Getúlio Vargas, uma modernização do país que caracterizou em grande medida a nação brasileira no século XX, se estendendo em boa parte nas regiões brasileiras.

O nordeste entrou nesse processo de modernização porque tinha uma potencialidade muito visível à época, e a gestão de Gaspar Dutra foi determinante para a concretização de parte desse progresso. Sobre a intervenção federal à época e o contexto que mobilizou a notabilidade estratégica do lugar:

“Dutra ficou no cargo até 1951 quando Vargas voltou a governar o Brasil, eleito pelo voto popular pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Somente depois de mais de dois anos do governo Dutra, os Decretos da criação da Chesf saíram das gavetas do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Por esse tempo, acabava a Segunda Guerra Mundial e ainda pairava pelo mundo um certo clima de insegurança e de desconfiança, um clima de “confiar, desconfiando” e uma das desconfianças do governo militar brasileiro era nações estrangeiras, com já acontecera antes com os holandeses em Pernambuco e em face da forte presença norte-americana que durante a guerra manteve bases militares importantes em Natal, voltassem a ocupar terras estratégicas para eles na região Nordeste do Brasil. Nesses anos, o rio São Francisco era a “estrada, o caminho das águas que unia o Nordeste ao Sudeste e cruzava 5 Estados brasileiros, desde o Oceano Atlântico a Minas Gerais, passando pelos Estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia. E havia a estratégica região das cachoeiras de Paulo Afonso, na divisa de quatro desses cinco Estados – Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco.” (GALDINO, 2016, p. 01)

Havia um sentimento integralista que viabilizou algumas iniciativas do Estado brasileiro para uma mudança significativa em alguns de seus investimentos. A Chesf, por exemplo, foi uma dessas inovações que demonstrou o empenho dos líderes políticos da época em tornar a nação autossuficiente em alguns aspectos.

Dessas iniciativas, novas configurações surgiram para efetivar essa modernização, coincidindo com um relativo e novo modelo de sociedade. Assim André Luíz discorre sobre um desses projetos de progresso nacional, que foi a produção de energia para a região nordestina, decorrendo no surgimento da cidade de Paulo Afonso:

“O fato de Paulo Afonso ter surgido na metade do século XX, teve grande influência na formação de sua identidade, a CHESF foi criada para ser um polo exportador de energia, fazia parte do projeto nacional de desenvolvimento iniciado com Getúlio Vargas, em meados da década de 40, a construção da cidade, portanto, acompanhou este sentimento de modernidade, impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico, ela deveria ser um núcleo de civilização modelo para as cidades do sertão nordestino.” (SOUZA, 2003, p. 05)

Assim nasceu Paulo Afonso, cidade do norte da Bahia que resultou da aglomeração de milhares operários e profissionais das demais áreas que sonhavam ter uma estabilidade econômica e um ambiente social seguro para um bom convívio social.

2.1 HISTÓRIA DE PAULO AFONSO, NASCIMENTO DA CHESF E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO:

Paulo Afonso é uma cidade cheia de nuances, um lugar que resultou da bravura de um coletivo gigante de pessoas, disposto a contribuir com o progresso do país. Sua nomeação é devido à história de Paulo de Viveiros Afonso, um proprietário do século XVIII que recebeu uma sesmaria nas províncias de Pernambuco, coincidindo seus limites nas quedas d'água da região Pauloafonsina. Sobre isso, André Oliveira discorre:

“Alguns registros afirmam que em 3 de outubro de 1725 o sertanista Paulo de Viveiros Afonso teria recebido uma sesmaria nas terras da província de Pernambuco, cujos limites chegavam as Quedas D'água conhecidas como “Cachoeira Grande”, “Forquilha” (pelo seu formato) ou “Sumidouro”, antes desta data não existe nenhum registro no Brasil ou Portugal que cite a cachoeira sob o nome de Paulo Afonso. O sesmeiro teria fundado no lado baiano das terras uma pequena tapera conhecida como “Tapera de Paulo Afonso”, onde hoje fica o bairro Centenário, que seria o primeiro núcleo habitacional da cidade.” (SOUZA, 2003, p. 06)

Desde esta fase de Brasil colônia, já se via um grande potencial nessas terras, porque geograficamente falando, era e continua sendo uma espécie de oásis em meio a um lugar tão seco. Assim Antônio Galdino descreve:

“Poetas, prosadores, curiosos aos milhares, milhões, ao longo de séculos se deixaram encantar pelas belezas das quedas da Cachoeira de Paulo Afonso. Outros, como Delmiro Gouveia e depois os engenheiros que construíram a Chesf viram que, da força destas águas poderia sair a energia hidroelétrica de que o Nordeste precisava para seu desenvolvimento.” (GALDINO, 2013, p..27)

Desses personagens que reconheceram o potencial das águas, é inevitável citar aquele que fez o primeiro investimento inteligente e decisivo, ainda no início do século XX, no potencial das cachoeiras para a produção de energia elétrica: Delmiro Gouveia. Um empresário visionário do sertão, que investiu na produção energética utilizando as águas do rio São Francisco para trazer eletricidade ao seu empreendimento na região alagoana, mais conhecido como Fábrica da Pedra.

“Some-se a isso o fato de que, ainda no início o Século XX, no ano de 1913, menos de quarenta anos atrás, o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia construíra ali, nas margens da Cachoeira de Paulo Afonso, usando tecnologia europeia – inglesa e francesa – um Usina Hidrelétrica que foi pioneira na região e promoveu o desenvolvimento de uma indústria de linhas de cozer do próprio Delmiro Gouveia. Mais importante que o tamanho da geração daquelas máquinas da Usina Angiquinho foi descobrir-se a grandiosidade da capacidade dessa geração de energia elétrica, a partir da força das águas nesta região.” (GALDINO, 2016, p. 01)

Nisso decorreu o surgimento de projetos paralelos que inspiraram a construção da Chesf, porque ajudou as autoridades políticas da época, como o ministro Apolônio Sales e algumas forças federais, a enxergarem potencialidade das quedas d'águas na produção de energia para toda região nordestina. O resultado disso foi o Núcleo Colonial Agroindustrial.

“Em 1942 o engenheiro Apolônio Jorge de Farias Sales, então Ministro da Agricultura cria o Núcleo Colonial Agroindustrial de Petrolândia – PE, pelo Decreto-Lei nº 4.505, de 22/07/1942. No ano seguinte Apolônio Sales encomenda aos engenheiros Correia Leal e Leopoldo Schinmmelpfeng um projeto para a usina de Itaparica.” (GALDINO, 2013, p. 30)

Assim começou a ser construído o projeto “Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco”, mais conhecido como Chesf. Com a saída de Vargas do governo, a concretização das obras só pode ser efetivada na regência de Eurico Gaspar Dutra. Assim André Luís narra o início das obras na região:

“A Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF, recebe no dia 09 de outubro de 1945, autorização para a organização da empresa, com uma área de ação num círculo de 450 km de raio, cujo centro seria a Cachoeira de Paulo Afonso. Em 1948 o então presidente Eurico Gaspar Dutra convoca a assembleia constitutiva da Chesf, onde é eleito o primeiro presidente da empresa, o engenheiro Antônio José Alves de Souza, que tinha como objetivo imediato a construção da primeira usina do complexo, a usina “Paulo Afonso I”, aprovada a linha de crédito para instalação e construção, as obras iniciam um ano depois em 1949.” (SOUZA, 2003, p. 06)

Então se fez o império da energia na região nordestina, configurando uma mudança gigantesca na rotina dos que viviam nos Estados que faziam fronteira com a Bahia. Devido à massiva imigração, houve a explosão demográfica que levou ao

nascimento da cidade e, por conseguinte, a busca da sua emancipação. Assim André Luís descreve este fato:

“A cidade não parou de crescer, graças ao seu desenvolvimento, em 30/12/1953, por força da lei estadual de n.º 62, passa a distrito, em 1958 a população de Paulo Afonso era superior a 13.000 habitantes e a Chesf contava com 4.500 habitantes, o que fez com que a cidade se emancipasse politicamente de “Nova Glória”, antiga Santo Antônio das Glórias, em 28 de julho do mesmo ano.” (SOUZA, 2003, p. 06)

Quanto mais a cidade crescia, mais chamava a atenção de milhares de sertanejos e sertanejas que procuravam uma vida mais digna em meio a uma região do Brasil que tinha um cenário tão problemático. Por isso que se criou a ideia de que Paulo Afonso na Bahia foi a redenção do nordeste brasileiro.

2.2 FORMAÇÃO TERRITÓRIAL, IMIGRAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL EM PAULO AFONSO

O território Pauloafonsino que se formou no período pioneiro não cresceu de maneira inclusiva, e essa discrepância em sua organização se manifestou dentro até das relações sociais que nele se realizava. Sobre a construção de parte desse lugar, conhecido como o acampamento Chesf, André Luís argumenta:

“O projeto inicial do acampamento da CHESF previu a construção de alojamentos para funcionários solteiros e três vilas residenciais, uma para engenheiros e altos funcionários, outra para mão-de-obra qualificada e uma terceira para famílias de operários, separando por bairros cada categoria de classe. Foi necessária a instalação de uma infraestrutura que oferecesse aos funcionários transporte, energia e comunicações, além da implantação de serviços de saneamento, saúde, educação, segurança e lazer. Como os altos funcionários estavam deixando o conforto de suas antigas moradas, a CHESF construiu uma cidade preparada para abrigar e provir todas as necessidades dos novos moradores.” (SOUZA, 2003, p. 06)

Dentro do planejamento dessa grande estrutura também existia a oferta de serviços variados que não apenas abarcava as moradias. A Chesf foi decisiva na construção de instituições que promoviam algumas condições de lazer para ambas as classes. De acordo com André Luís:

“Dentro da empresa existiam dois grandes clubes privativos, o COPA – Clube Operário Paulo Afonso – que ficava entre os bairros Alves de Souza e a vila Operária, e o CPA– Clube Paulo Afonso – que ficava no bairro Eng.o Oliveira Lopes, a direção do CPA era rígida em relação a entrada de não-sócios, enquanto os moradores do bairro Eng.o Oliveira Lopes tinham livre acesso ao COPA, somente alguns funcionários de nível médio e técnico eram autorizados a frequentar o CPA. No restaurante da CHESF também existia esta divisão, alguns antigos funcionários afirmam que existiam três pratos e assentos diferentes dentro do restaurante, que seguiam as divisões sociais da empresa e que só viriam mudar depois das reivindicações dos funcionários.” (SOUZA, 2003, p. 05)

Fora dessa organização planejada pela Chesf, houve também o improviso que significativamente também ganhou espaço. Foi construído o que podemos chamar de Vila Poty, que era um espaço de homens e mulheres que vinham dos mais variados lugares para tentar a sorte nas ofertas de empregos cedidos pela Companhia. Quando não conseguiam espaço no acampamento chesfiano, construíam moradia improvisada fora do acampamento. André Luís de Oliveira comenta sobre essa apropriação do espaço:

“Os imigrantes que chegavam diariamente em caminhões, paus de arara, caminhonetes, iam se agrupando ao redor dos limites da área da CHESF, na expectativa de conseguir alguma vaga na empresa. Os cassacos responsáveis pelas construções das hidrelétricas e edificações da CHESF (assim como os Candangos de Brasília), eram em número superior aos lugares disponíveis, somando-se a isso o aumento da taxa de imigração, fizeram com que, aos poucos fosse surgindo o novo núcleo citadino de Paulo Afonso, o bairro Poty, que recebeu este nome por causa do cimento Poty utilizado na construção da barragem e reaproveitado como cobertura no telhado das casas de taipa.” (SOUZA, 2003, p. 06)

As imigrações eram massivas, isso devido à baixa oferta de empregos formais na região. Como a construção das usinas demandava milhares e milhares de trabalhadores, então as pessoas dos mais variados estados nordestinos viram a oportunidade de conseguir a sonhada estabilidade econômica. Por isso não hesitaram em sair de seus estados para adquirir segurança financeira na cidade que nascia. O professor e pesquisador Antônio Galdino explica esse fenômeno da imigração, no período pioneiro, da seguinte maneira:

“As pessoas iam chegando nos paus de arara, às centenas, todos os dias porque o anúncio da chegada da Chesf na região e a abertura de empregos para a construção da barragem e a usina causou grande reboiço no Nordeste. Milhares de nordestinos começaram a buscar esse destino como solução para os seus problemas e sofrimento com a estiagem.” (GALDINO, 2013, p. 43)

Nesses contextos espaciais que iam se formando de realidades distintas, iam se desenvolvendo no território Paulo afonsino uma confluência cultural complexa, que decorreu em muitos tipos de relações sociais e produções monumentais que até hoje fazem parte da memória da cidade. Era partindo desse cenário que se construíram clubes e demais pontos de encontros que, à época, ajudavam a abrilhantar as manifestações culturais que fervilhavam na cidade que estava nascendo.

Sobre a mistura cultural que aconteceu no território Paulo afonsino, de uma massa disposta a enfrentar as distâncias espaciais e culturais em nome de uma possível estabilidade, André Luís Oliveira argumenta:

“Mesmo estando localizada em terras baianas, Paulo Afonso sempre teve uma grande influência cultural de outros estados, das populações que no processo de migração trouxeram seus costumes, de Pernambuco vem a maior contribuição, ou a mais forte, o fato de na cidade os altos funcionários serem em sua maioria pernambucanos influenciou bastante, pois era esta a classe que ditava o comportamento social, que era copiado por todos, os carnavais eram embalados ao ritmo das bandas de frevo, no sotaque local ainda se percebe uma influência pernambucana, como o uso do pronome “tu”, da Paraíba vieram ritmos como o forró e o xaxado, o pastoril e o reisado vindos de Alagoas e Sergipe respectivamente, e de acordo com o historiador Antônio Galdino, só a partir da década de 80 é que começam a ser incorporadas as primeiras manifestações da cultura baiana, esta miscigenação cultural fez de Paulo Afonso o retrato do nordeste e de seu povo, que na cidade deram início ao sonho de emancipação e reconstrução de suas vidas.” (SOUZA, 2003, p 06)

É nesse emaranhado de práticas culturais, vindo dos mais variados lugares do nordeste brasileiro, que a cidade se fez e cresceu, demonstrando uma miscigenação de culturas estaduais que resplandece a fusão de costumes que identifica Paulo Afonso.

3 CLUBE OPERÁRIO DE PAULO AFONSO (COPA): PROLETÁRIOS ENTRE O FARDOS E A DIVERSÃO

O Clube Operário de Paulo Afonso, mais conhecido como COPA, nasceu da necessidade da Companhia de oferecer opções de cultura e lazer para a classe operária. Sua construção se deu no ano de 1959. Apenas trabalho e mais trabalho, de maneira ou de outra, com certeza desgastaria o prazer dos cidadãos operários no curto prazo, porque o esforço que a classe trabalhadora fazia para erguer a usina era descomunal.

De acordo com o professor e pesquisador, Antônio Galdino, a instituição nasceu pelo seguinte motivo:

“O COPA e o CPA foram criados pela CHESF para oferecer a seus empregados essas opções de lazer que não existiam. Era uma parte muito significativa e muito importante, porque os dois clubes sociais promoviam festas, filmes... Os cinemas do COPA e do CPA tinham cabine... Os filmes passavam as vezes aqui, antes de passar no Rio de Janeiro, que a CHESF trazia de avião pra passar por aqui.” (SILVA, 2018, entrevista I)

Esta instituição promovia o que havia de mais sofisticado na região, no que diz respeito à cultura popular. Inclusive, estar dentro da empresa era um privilégio para os moradores do acampamento. O proletário associado tinha acesso aos mais variados tipos de músicas e filmes. Este lazer não alcançava apenas as pessoas que estavam dentro da associação, mas comerciantes e familiares de trabalhadores que aproveitavam a acessibilidade dos associados para participarem também dos momentos de descontração.

Como havia complexidade nas manifestações culturais, uma prática específica para a massa de trabalhadores se tornou impossível, já que existia a diversidade étnica e de práticas sociais. Era uma mistura de milhares de pernambucanos, paraibanos, alagoanos, sergipanos e etc.

Sobre essa variedade de costumes que influenciava instituições como o COPA a promover a prática dessas manifestações culturais, o professor e pesquisador Antônio Galdino comenta em entrevista:

“Então no começo foi muito difícil e muito misturado. Então você tem os festejos natalinos, tinham aquelas barracas de festa de natal e tal. Tinha o pastoril que é um folguedo natalino, mas de origem alagoana. De origem e desenvolvimento no Estado de Alagoas. O reisado é mais comum em Sergipe, também tinha aqui. Frevo de Pernambuco. Forró na Paraíba. Quer dizer, as músicas no CPA, no COPA, com seus grandes carnavais, a essência era principalmente o frevo pernambucano... Então fica difícil a gente defender uma... apesar dessa miscigenação, não existe nada de raiz.” (SILVA, abril 2018, entrevista I)

Foi dessa junção de vários operários, dos mais variados lugares, que houve a permissividade de um cardápio tão vasto de variedades rítmicas e cinematográficas, que atraía massas em filas quilométricas nos finais de semana.

Existem algumas concepções errôneas sobre o nível daquilo que era oferecido para a elite econômica do acampamento CHESF, comparado com aquilo que se tinha no Clube dos Operários. A verdade é que na maioria das vezes, o que acontecia no Clube Paulo Afonso, como a exposição de filmes e as apresentações de bandas, também acontecia no Clube dos Operários.

Geralmente as bandas e filmes que vinham para cidade, serviam como atrativo para as duas instituições, só que a elite tinha o prazer de usufruir primeiro no

Clube Paulo Afonso. Mas acontecia quase sempre o mesmo espetáculo nos dois lugares. O professor Antônio Galdino argumenta em entrevista sobre a forma de como a Chesf organizava esses eventos:

“Havia essa divisão de águas né, da própria CHESF. Os filmes passavam primeiro no CPA, mas passavam no mesmo dia. E era uma questão de... não sei se era de hierarquia. Porque lá era clube dos engenheiros, encarregados, dos médicos. E o COPA era o clube dos cassacos, dos empregados mais simples.” (SILVA, abril 2018, entrevista I)

As atrações musicais atraíam aos finais de semana multidões ávidas por diversão, que abarcavam desde artistas regionais a grandes nomes da música nacional para fazer festas rotineiras e comemorativas.

Um dos entrevistados, Juarez Félix da Silva, operário pioneiro, ex-diretor social do clube dos operários e um dos participantes das festividades dos trabalhadores no acampamento CHESF, assim comenta de maneira saudosista as dinâmicas de lazer oferecidas pela empresa:

“O Clube dos Operários Paulo Afonsinos (COPA) tinha uma festa tradicional que era o São João do COPA. Ele trazia vários cantores de forró, eram um dos grandes forrós que se tinha em Paulo Afonso. Porque aqui tinha muita festa tradicional. Final de ano tinha uma ceia, aí traziam uma banda. E nesses intervalos tinha “Casa das máquinas” que era uma banda famosa (que era uma desistência d’Os Incríveis” né, formaram essa banda e ela tocou no COPA, tocou no CPA. Já veio Jerry Adriane, já veio Agnaldo Timóteo, já veio Fernando Mendes. Aqueles cantores que estavam em evidência na época a CHESF trazia.” (SILVA, 2018, entrevista II)

Assim funcionavam tais festividades na instituição frequentada massivamente pelos operários, que apesar de pertencerem à base da hierarquia na construção da cidade no período pioneiro, tinham sua maneira de lazer e proximidade com as práticas culturais que se manifestavam nos cenários de elite.

Existiam também outras maneiras alternativas de lazer para esses operários, que serão abordados em outro tópico.

3.1 CLUBE PAULO AFONSO (CPA): ENTRE RESTRIÇÕES E SIMILARIDADES

O famoso e sofisticado Clube de Paulo Afonso (CPA) é uma instituição histórica da cidade que guarda memórias e tradições que até hoje fazem parte do

cotidiano de alguns Pauloafonsinos. Sua construção se deu na necessidade da criação de um espaço que se destinasse às manifestações de práticas culturais que se restringissem a uma elite local. Alguns colaboradores esclarecem na revista de comemoração dos cinquenta anos do clube:

“O Clube Paulo Afonso (CPA) foi fundado em 25 de maio de 1950, tendo como presidente e Sr. Júlio de Freitas. No início o clube foi planejado para receber um restrito número de pessoas composto por detentores de cargos comissionados da CHESF, profissionais de nível superior e autoridades da região. Na época dotado de piscina, quadra de tênis, cinema, sala de piano, biblioteca, salão de beleza e outras atrações.” (Revista Comemorativa do Clube Paulo Afonso 50 anos, 2005, p. 05)

Existia uma restrição que se aplicava não apenas a quem não tinha dinheiro, porque vários profissionais liberais ricos que viviam no espaço dos operários, tinham igual (ou melhor) condição financeira que muitos associados, porém não tinham acesso ao clube devido sua condição de não servidor de alto escalão da Companhia. Todavia, tinham algumas ressalvas dentro desta seleção rigorosa. Sobre essa restrição da instituição, o entrevistado Juarez Félix da Silva descreve:

“Lá no Clube Paulo Afonso ela deu prioridade ao pessoal que tinha nível superior, tinham cargos altos, pra não virar muita bagunça de pedreiros e lá querer brigar, entendeu? Eram festas semelhantes nos dois clubes, só mudava o nível do pessoal [...] Eles restringiram o acesso, entendeu? Você pra ser sócio do CPA tinha que ser convidado, e eles analisavam sua função, analisavam quem era você. Inclusive teve muito comerciante rico, com posse financeira, que não entravam porque a proposta não era aceita. Tinha um comitê da alta diretoria da Chesf que analisava e dizia “não”. Não quero e acabou!” (SILVA, 2018, entrevista II)

Dentro do clube, outras regalias a mais eram oferecidas, como quadra de tênis, quadra de futsal, piscina, etc. Porém existia de fato uma similaridade nas atrações que eram oferecidas aos dois polos do acampamento Chesf, isto é, CPA e COPA. A demonstração de hierarquia se dava apenas na qualidade da estrutura do espaço e na prioridade dos consumos dos produtos artísticos que vinham de fora, que iam primeiro na instituição na primeira instituição, e depois para o polo dos operários para serem usufruídos por trabalhadores.

Diante de toda essa dinâmica de sociabilização, é de se entender a razão do Clube ainda ter seu prestígio social. Ele ainda continua como uma das referências no que diz respeito a lazer de alguns cidadãos Pauloafonsinos. Mas hoje não mais

existe uma restrição rigorosa, devido à facilitação do acesso à instituição pelos organizadores e a abertura do mercado para outras opções de lazer.

3.2 VILA POTY E SUAS DINÂMICAS SOCIAIS: ENTRE O LAZER, PRAZER E A EXCLUSÃO

Paulo Afonso, em seu período pioneiro, foi um território dividido em vários espaços com realidades distintas. Existia o acampamento da Chesf, construída pela própria empresa, que se colocava à frente para oferecer condições mínimas de trabalho e permanência, e também existia a Villa Poty, um espaço improvisado à frente do acampamento, e que servia de única alternativa às pessoas que vinham e não conseguiam lugar e emprego cedido pela empresa que se estabelecia na região. Assim André Luís argumenta sobre essa divisão:

“A notícia da construção das obras atraiu centenas de pessoas, vindas de todos os lugares, entre elas imigrantes fugindo da seca (cujo destino seriam as grandes cidades do sudeste), ex-cangaceiros e aventureiros, a vila Poty nesta época ainda não contava com um policiamento efetivo, segundo os entrevistados, neste bairro eram altos os índices de violência. A empresa construiu uma cerca de arame farpado, delimitando a área de ação da CHESF, garantindo a segurança dos moradores e de seu patrimônio, as histórias de violência na Poty, levaram a direção da empresa a substituição das estacas de madeira por estruturas de concreto, e em seguida, por um muro de pedra e arame farpado com aproximadamente 1,5 m de altura, apelidado de “o muro da vergonha” numa alusão ao muro de Berlim.” (PEREIRA, 2003, p. 06)

As pessoas que ali habitavam sofriam alguns preconceitos dos moradores do acampamento da Chesf, mas isso não quer dizer que a Villa Poty não tinha suas maneiras de se auto afirmar dentro do lugar. Várias foram suas formas de se organizar e lutar por espaço dentro do cenário Pauloafonsino. Para além de posição de vítima, de um contexto excludente (vide o muro da vergonha), oferecia um rol de manifestações culturais que se difundiam e agregavam valor ao espaço, que relativamente impressionava em suas maneiras de ser.

Um dos lugares da Villa Poty que se destacava em práticas culturais de massa era o Chimba, antigos cabarés situados onde hoje é chamado de “feirinha”. Com suas damas, meretrizes, operários e marginalizados, disputava com os demais clubes a expressividade cultural na região. O pesquisador João de Souza descreve o Chimba da seguinte maneira:

“O Chimba foi um complexo de cabarés de Paulo Afonso, onde aconteceram muitas histórias violentas e de amores perdidos, desde crimes bárbaros ocorrido diariamente, passando por suas meretrizes famosas e ainda a quantidade de casas e casebres existentes no lugar, funcionando todos ao mesmo tempo e no ramo da prostituição.” (LIMA, 2003, p. 199)

O espaço tinha fama de violento, e essa dinâmica tinha suas razões. Nesse lugar estavam as massas que não tiveram a oportunidade de adentrar a empresa chesfiana. Como os serviços de proteção eram cedidos pela companhia de energia, a segurança do espaço era negligenciada pelo Estado. Então em casos como este, de sociabilização através de encontros alternativos, era mais nítida a expressão de violência e outras demais transgressões, devido à falta de uma segurança sistematizada.

No entanto, existiam dinâmicas ricas para além de problemas como estes. Não existia uma organização planejada como havia nos dois clubes inseridos na Chesf. Como bem o professor Galdino descreveu, era uma espécie de “clube aberto”. Nessa margem se reproduzia de tudo quanto fosse popular.

Sobre o lugar, o professor Antônio Galdino descreve em entrevista:

“Existia ali onde hoje é a feirinha, toda aquela área da feirinha. Era a região que... Tinha vários nomes: Era o cabaré, era o mangaratiba, era também a zona de baixo meretrício, etc. Era tudo ali. E foi uma área que cresceu muito por conta da grande quantidade de pessoas que chegavam na região. Ora, a maioria dos empregados da CHESF, os que chegavam primeiro, vinham na expectativa de arranjar emprego. E não sabiam quais eram as condições desta região para acomodar a família. Portanto, muitos vinham solteiros, sem mulheres, sem filho, sem família. E aqui apareciam as mulheres “de vida livre” que faziam... Eram muitas, e organizadas. Eram várias casas enquadradas onde é hoje ali a feirinha. Ali é onde funcionava a famosa zona do baixo meretrício. Era um grande clube aberto. Por isso que tinha de tudo.” (SILVA, abril 2018, entrevista I)

Várias histórias regionalmente conhecidas, de amores perdidos, desafetos arranjados, de paixões proibidas e vidas cessadas pela violência local vêm desse lugar.

Na mentalidade dos cidadãos pioneiros, essas vivências ficaram marcadas como um emaranhado de situações que despertam até hoje o imaginário dos que perpassaram tal período, tarimbado não apenas por brigas e desordem como a elite e parte da classe operária tentava fazer acreditar, mas para, além disso, por um

complexo de manifestações culturais e comportamentos sociais que produziram personagens históricos inesquecíveis da cidade – alguns ainda vivos – e narrativas impressionantes.

As atrações que iam de bandas de forró a grupos de seresta, faziam questão de tocar longas festas para que todo aquele lazer de operários e desempregados não cessasse no decorrer dos horários de grande movimento. Assim descreve Geraldo Oliveira Leite, entrevistado e frequentador assíduo do lugar:

“Aqui as músicas que tocavam era forró pra todos os que passavam. Era Chico Martins de Gerecina, Mané Denys, Zé Siqueira e Xorroxó... Ah, e Zé Juvenal. Os únicos músicos populares bons de Paulo Afonso daquela época, que tocavam forró e brega pra gente dançar. Tinha forró, brega, “briga” e tudo.” (LEITE, 2018, Entrevista III)

Todavia, para além da diversão, a vida neste espaço era bastante difícil, porque além da maioria das pessoas ter que lidar com a imprevisibilidade da ascensão econômica naquele espaço, as condições higiênicas, de segurança, eram deploráveis.

Mas em meio ao caos urbano, uma massa de gente continuava a construir dinâmicas sociais alternativas e criar personagens históricos que estão na mentalidade dos Pauloafonsinos até hoje. Um destes casos é a popularidade de Dulce, uma das pioneiras, dona de cabaré, e que tem o título de “a maior de todas as meretrizes do glorioso Chimba”.

“Uma das mais conhecidas donas de cabaré foi Dulcinete Freitas, a popularmente conhecida “Dulce”, hoje uma senhora com 82 anos de idade e figura distinta na cidade. Dulce chegou a Paulo Afonso no mesmo ano de Emancipação Política da cidade, em 1958. Ela era noiva do advogado Huck Ferraz e o flagrou com uma namorada no cinema. Diante da desilusão amorosa juntou os móveis e veio para Paulo Afonso onde já residiram as irmãs Djanira e Genilda [...] Depois tomou uma cruel decisão e foi para o cabaré de Maria Cavalcante na Feirinha, onde permaneceu algum tempo e fez grandes amizades.” (LIMA, 2003, p. 199)

Várias mulheres, como Dulce, vieram a esse espaço em busca de uma vida que lhes propusessem alguma espécie de sustento e prazer. Algumas tiveram, outras tiveram que se ausentar para voltar às suas cidades de origem; outras tiveram um fim trágico devido à violência do lugar; e algumas mais tiveram relativo sucesso com os homens do lugar que propiciaram a elas a oportunidade de sair

dessa vida. Mas poucas delas se tornaram ícones referenciais na cidade. E Dulce foi uma delas, que ainda permanece viva e irreverente por onde passa.

O espaço aclamado pelas classes mais baixas e identificado como Chimba, famoso cabaré da feirinha, foi fechado no ano de 1961 devido à desordem unido com a abertura de mercado para outras opções de lazer. Existiam conflitos com autoridades locais e com o passar do tempo foi insustentável sua permanência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clubes Pauloafonsinos, e as formas alternativas de diversão no período pioneiro, como o aclamado Chimba, têm seus vários significados históricos para a população local. E a ideia de trazer à tona uma discussão que intercalem várias memórias de um mesmo período, é bastante enriquecedora para os conhecimentos que se tem do local, já que a cidade abrangeu várias culturais regionais em sua fase inicial.

Muito se falou e ainda fala nas discussões públicas, sobre a importância dos clubes sociais na promoção de cultura para as massas recém-chegadas, e suas contribuições históricas para a memória social dos cidadãos que aqui residem desde o período pioneiro. Mas dentro desse panorama científico, foram priorizados não apenas as instituições mais referenciais quando se fala em lazer no início das construções chesfianas, mas as alternâncias que existiam, semelhanças entre as formas de manifestação, e distinções que envolviam grupos sociais de classes dos mais variados gêneros.

Vimos que dependendo do lado de qual se olha, não existia exclusividade quando o assunto é lazer. Mesmo havendo restrição (e suas facetas internas) por parte da CHESF, para aqueles que não pertenciam ao seu corpo (e tampouco era uma obrigação dela essa oferta), existiam formas de diversões paralelas às vidas rústicas e incertas que se aglutinavam no cenário Paulo afonsino, que inclusive assumiram posto de igual importância que aquilo que acontecia para além dos muros criados pela empresa chesfiana, isto é, as festas organizadas nos clubes CPA e COPA.

Todas as maneiras de lazer eram legítimas, e suas divisões territoriais, com uma clara influência de status econômicos distintos, diziam e diz muito sobre a razão da cidade de ser.

5 REFERÊNCIAS

DE SOUZA, André Luis Oliveira Pereira - **Paulo Afonso: Um muro, duas cidades.**/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2013.

DUMAZEDIER, Jofre (1976) **Lazer e cultura popular- Debates**, São Paulo: Perspectiva.

GALDINO, Antônio; MASCARENHAS, Sávio. **Paulo Afonso: de pouso de boiadas a redenção do nordeste.** Paulo Afonso. 1995.

BURKE, Peter (org.) **A Escrita a história:** novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. - (Biblioteca básica)

NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES/** Tradução: YaraAunKhoury
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> [Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.](#)

LE GOFF, Jacques. **História e memória;** tradução Bernardo Leitão... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIMA, João de Souza - **Paulo Afonso e Vila Poty:** A história não contada. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar..São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICE A

1º entrevista concedida pelo pioneiro Geraldo Oliveira Leite. Aposentado e ex frequentador assíduo do cabaré do Chimba e COPA:

1- O que acontecia nesses festejos e qual era a importância do COPA (Clube Operário de Paulo Afonso)?

- Trabalhei dez anos na Chesf. Cheguei aqui em Paulo Afonso em doze de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito. A cidade tinha nem se emancipado ainda. Nem cidade era. Faltava cinco meses pra isso acontecer. Aí na feirinha era o centro mere... meretrício. Famoso cabaré. Mais conhecido como baixo meretrício. Os operários vinham de muito, porque assim que eles pegavam no dinheiro do salário, vinham gastar com as mulheres aqui da Vila Poty. Aí naquela época... 1958, 1959, 1960, tinham aquelas mulheres lá que dançavam muito. Conheci até o maior dançador de lá que chamavam de Tonho da Gafieira. O homem que mais dançava era ele. As mulheres só viviam atrás dele porque o nego mandava um xote de gota. As raparigas que tinham naquela época era Cuíca (filha de zé da cuíca), Zefa da cabeça amarrada, Percilha, Coca-cola, Maria dezoito mole. São dessas que me lembro. Aqui as músicas que tocavam era forró pra todos os que passavam. Era Chico Martins de Gerecina, Mané Denys, Zé Siqueira e Xorroxó... Ah, e Zé Juvenal.

Os únicos músicos populares bons de Paulo Afonso daquela época, que tocavam forró e brega pra gente dançar. Tinha forró, brega, "briga" e tudo. E finado Valdemar, que tocava muito bem também. Mataram ele na casa dele. Era sempre música ao vivo para os peões.

Havia muita matança nesse espaço... e acontecia por várias coisas. Briga normal, por mulher, cachaça, a quantidade de gente (vinha muita gente de todos os cantos da cidade).

No copa as festas eram tranquilas. As festas geralmente aconteciam aos finais de semana. Aí tinha cinema... tinha muita coisa para quem era de dentro aproveitar. Tocava muito forró lá dentro e quando tinha festa sempre lotava.

APÊNDICE B

2º entrevista concedida pelo pioneiro Juarez Felix da Silva. Aposentado chesfiano e ex diretor social do COPA no período de 1959 a 1961:

1- O que acontecia nesses festejos do Clube dos Operários de Paulo Afonso (COPA), quais eram os frequentadores e a importância para os operários do período pioneiro?

- Cheguei aqui em quarenta e nove. Comecei no início da construção mesmo. Vim inclusive pra fazer essa construção.

O que é que acontece... Aqui precisava de muita mão de obra para as construções. Logo no início quando eu cheguei, diziam que era necessário mais de dez mil homens. E a Chesf cuidou de criar todo o suporte necessário para essas pessoas aqui habitarem. Então era necessário criar algum lazer, algumas coisas como clubes, hospital, supermercados, escolas e etc.

Lá no Clube Paulo Afonso ela deu prioridade ao pessoal que tinha nível superior, tinham cargos altos, pra não virar muita bagunça de pedreiros e lá querer brigar, entendeu? Eram festas semelhantes nos dois clubes, só mudava o nível do pessoal. E o COPA, Clube Operário de Paulo Afonso, ficou um clube dos operários. Mas as festas que tinham nos dois espaços eram quase semelhantes. Só mudava o nível do pessoal. Quando a Chesf contratava um cantor, teve inúmeras vezes de algum cantor fazer uma apresentação no sábado no CPA, e domingo no COPA, na próxima semana e assim sucessivamente.

Filme a mesma coisa. Ficava um carro com aqueles rolos antigos, pegavam e traziam aqui. Isso aqui era como se você tivesse na Europa. A Chesf fazia a segurança do local, a gente pagava um percentual do nosso salário, os muros eram baixíssimos e não se tinham roubos no lado de cá.

O COPA foi um clube de grande tradição, porque ele absolvía toda a massa de operários, de um pessoal que era comerciante e não tinha acesso ao outro clube. Eles restringiram o acesso, entendeu? Você pra ser sócio do CPA tinha que ser convidado, e eles analisavam sua função, analisavam quem era você. Inclusive teve muito comerciante rico, com posse financeira, que não entravam porque a proposta não era aceita. Tinha um comitê da alta diretoria da Chesf que analisava e dizia "não". Não quero e acabou! Já o COPA aceitava todo mundo.

Então as vezes as filas para a entrada no COPA eram quilométricas para assistir as festas, os carnavais, os grandes bailes que tinham aí. Infelizmente teve essas mudanças né... tá muito fraco, as programações acabaram... Hoje o clube não tem verba financeira para contratar uma boa atração pra aí. E depois dessa queda que o clube teve fica muito difícil porque a quantidade de sócios caem. Existem, mas numa

quantidade mínima. O clube sem dinheiro precisando de reforma, pintura, dinheiro e etc. Necessitando de áreas de lazer, muita coisa, mobiliários novos etc.

O Clube dos Operários Paulo Afonsinos (COPA) tinha uma festa tradicional que era o São João do COPA. Ele trazia vários cantores de forró, era um dos grandes forrós que se tinha em Paulo Afonso. Porque aqui tinha muita festa tradicional. Final de ano tinha uma ceia, aí traziam uma banda. E nesses intervalos tinha “Casa das máquinas” que era uma banda famosa (que era uma desistência d’Os Incríveis” né, formaram essa banda e ela tocou no COPA, tocou no CPA. Já veio Jerry Adriane, já veio Agnaldo Timóteo, já veio Fernando Mendes. Aqueles cantores que estavam em evidência na época a CHESF trazia. A maioria dos caras iam pra Alagoinhas e Aracaju, ia para os dois, o pessoal aproveitava o percurso deles e traziam pra cá para se apresentarem nos dois clubes.

APÊNDICE C

3º entrevista concedida pelo professor Antônio Galdino da Silva. Historiador e pesquisador da história Paulo afonsina:

1- O que os cidadãos faziam no momento de lazer e qual era a importância dos dois clubes, CPA (Clube de Paulo Afonso), COPA (Clube dos Operários de Paulo Afonso) e o Chimba para as manifestações culturais do local?

- Então, veja bem... quando começou tudo, existia nada aqui em Paulo Afonso. Era um povoado solto, uns casebres soltos, no meio da caatinga chamado de forquilha. E a Chesf instalou e quando ela se instalou... começou a chegar gente pra trabalhar. E esse pessoal foi aumentando, cada um trazendo sua expressão cultural, do seu lugar, de sua região. Gente de... para você ter uma ideia, a Bahia que é o Estado que nós vivemos, só na década de oitenta, olhe bem, trinta anos depois da Chesf instalada, já vinte anos depois da cidade, é que começou a entrar aqui, pelos colégios, os estudos sobre acarajé, sobre ritmos da Bahia, a música da Bahia, senhor do bonfim, essas tradições que são específicas da Bahia, onde nós estamos, só apareceram por aqui principalmente devido trabalhos escolares, inclusive no Ciepa que é colégio estadual. A partir de oitenta. Até aí a gente não sabia muita coisa do Estado enquanto tal não. Saia uns blocos de carnaval na rua, puxados por uma orquestra de frevo. Lalau, que era um grande músico da cidade, já falecido, puxava esses carnavais aqui da cidade. Então o começo foi muito difícil e muito misturado. Então na rua... você tinha os festejos natalinos, as barracas de festas de natal, tinha o pastoril, que é um folguedo natalino, mas de origem alagoana. O reisado, é mais comum em Sergipe, também tinha aqui. Frevo de Pernambuco. Forró da paraíba. Quer dizer... as músicas... O CPA e o COPA com seus grandes carnavais, a essência era principalmente o frevo pernambucano. Então... fica difícil ter... defender uma raiz nossa. Até porque a cidade nem existia, o que se tinha era Santo Antônio de Glória, Paulo Afonso era ligado à Glória, mas não tinha esse impacto... Quando há o crescimento urbano, aí todos os aspectos do lugar acompanham esse crescimento, inclusive a emancipação.

Copa e Cpa foram criados pela Chesf, para oferecer a seus empregados essa opção de lazer que não existia. Era uma parte do lazer dos trabalhadores muito significativa. Os dois clubes sociais promoviam festas, filmes... Os cinemas do Copa e do Cpa tinham cabines... Os filmes que às vezes passavam aqui antes de passar no Rio de Janeiro, que a Chesf trazia de avião para usufruírem dessas coisas aqui primeiro. Havia essa divisão de águas né, da própria CHESF. Os filmes passavam primeiro no CPA, mas passavam no mesmo dia. E era uma questão de... não sei se era de hierarquia. Porque lá era clube dos engenheiros, encarregados, dos médicos. E o COPA era o clube dos cassacos, dos empregados mais simples. O filme passava aqui. Um rolo de filme daquele durava mais ou menos, quer dizer, aquela fita rebobinável.

Existia ali onde hoje é a feirinha, toda aquela área da feirinha. Era a região que... Tinha vários nomes: Era o cabaré, era o mangaratiba, era também a zona de baixo meretrício, etc. Era tudo ali. E foi uma área que cresceu muito por conta da grande quantidade de pessoas que chegavam na região. Ora, a maioria dos empregados da CHESF, os que chegavam primeiro, vinham na expectativa de arranjar emprego. E não sabiam quais eram as condições desta região para acomodar a família. Portanto, muitos vinham solteiros, sem mulheres, sem filho, sem família. E aqui apareciam as mulheres “de vida livre” que faziam... Eram muitas, e organizadas. Eram várias casas enquadradas onde é hoje ali a feirinha. Ali é onde funcionava a famosa zona do baixo meretrício. Era uma espécie de grande clube aberto. Tinham muitas casas... animação, briga, tinha de tudo. Por isso que tinha de tudo. Era o centro onde as pessoas tinham sua opção de lazer fora dos clubes da Chesf. E um detalhe interessante é que... nem sempre apenas os marginalizados usufruíam de toda aquela farra. Tinha muita gente que trabalhava na Chesf e frequentava assiduamente o local. Porque... hoje é comum a questão do motel. Antes não se tinha isso aqui. Quando queriam meninas se ia pra lá.